

Trabalhadores do barro: condição operária, precariedade e astúcias dos “Peões De Cerâmica” na região Baixo Jaguaribe, CE (1964-2010)

Clay workers: working conditions, precariousness and cunning of the “Ceramics Peons” in the Lower Jaguaribe region, CE (1964-2010)

Francisco de Assis Mendes 

profmsmendes70@gmail.com

Universidade Federal do Ceará – UFC

RESUMO

A produção de cerâmica constitui-se como tradição nas ribeiras do Rio Jaguaribe, no Ceará, remontando as populações indígenas que habitavam esse espaço. Ao longo do tempo essa atividade foi desenvolvida por artesãos, oleiros e operários, esses últimos no âmbito das fábricas de telhas e tijolos que surgiram a partir da década de 1960. Utilizando como fontes relatos orais de ex-operários do setor ceramista, além de processos trabalhistas, esse texto tem por objetivo refletir sobre as experiências dos peões de cerâmica, forma como são comumente chamados esses trabalhadores. Entre outras informações, essas duas tipologias de fontes expõem a negação de direitos e exploração, reconstituem as funções que os sujeitos desempenhavam, as jornadas exaustivas e condições do ambiente de trabalho. Nesse contexto procuramos analisar a precariedade que se apresentava nas condições materiais de trabalho ou na fragilidade dos vínculos informais, assim, refletimos sobre as formas de exploração, além das diversas circunstâncias nas quais a saúde e a integridade do corpo eram colocadas em risco. Por fim, registramos as formas como esses trabalhadores davam respostas a tais situações, seja através de astúcias no cotidiano da fábrica ou reclamando direitos na Justiça do Trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Atividade ceramista. Trabalho. Precariedade. Astúcias.

ABSTRACT

Ceramic production is a tradition on the banks of the River Jaguaribe in Ceará, dating back to the indigenous populations who inhabited this area. Over time, this activity has been carried out by artisans, potters and workers, the latter in the context of the tile and brick factories that sprang up in the 1960s. Using oral accounts from former workers in the ceramics sector as sources, as well as labor lawsuits, this text aims to reflect on the experiences of ceramics peons, as these workers are commonly called. Among other things, these two types of sources expose the denial of rights and exploitation, reconstruct the roles they played, the exhausting working hours and the working conditions. In this context, we tried to analyze the precariousness of the material working conditions or the fragility of informal ties, thus reflecting on the forms of exploitation, as well as the various circumstances in which the health and integrity of the body were put at risk. Finally, we recorded the ways in which these workers responded to such situations, whether through cunning in the daily life of the factory or by claiming rights in the Labor Courts.

KEYWORDS

Ceramics. Work. Precariousness. Cunning.

Submetido em:
11/09/2023

Aprovado em:
23/10/2023

Publicado em:
08/12/2023

1 Introdução

Construído a partir de reflexões sobre o mundo do trabalho, esse texto aborda questões que são parte de uma pesquisa mais ampla objetivando a elaboração de uma tese no campo da História Social. Elegemos como sujeitos os trabalhadores da atividade ceramista na Região do Baixo Jaguaribe, principal polo produtor de cerâmica do Estado do Ceará. Essa região se constitui como o recorte espacial da pesquisa, no qual destacamos a cidade de Russas, município que é o principal produtor de cerâmica entre as cidades que fazem parte dessa região.¹ De forma específica, o foco da análise são as condições de trabalho dos operários nas primeiras fábricas de telhas e tijolos construídas nesse espaço.

A periodização tem início no ano de 1964, quando, de acordo com Lima (2003), foi montada a primeira fábrica de cerâmica no município de Russas, e se estende até 2010, ano do último censo demográfico de uma série analisada que permite relacionar o aumento populacional com o desenvolvimento da atividade ceramista. Comparando os números da população dos municípios que fazem parte da Região, é perceptível a diferença do principal polo, o município de Russas, por sua vez, observando os números das áreas distritais, percebemos que se destacam as localidades que são os principais polos ceramistas no interior do município.

Além dos censos demográficos, a História Oral e processos trabalhistas foram fontes utilizadas. Os processos trabalhistas que envolveram trabalhadores e donos de fábricas de cerâmica evidenciam aspectos das condições materiais de trabalho e das situações precárias as quais os trabalhadores se submetiam. Os textos processuais ainda informam sobre a informalidade dos vínculos, exploração, direitos negados e busca de reparação por parte dos trabalhadores.

No entanto, das fontes orais é de onde “joram” as maiores contribuições, pois, durante as entrevistas orais realizadas com ex-trabalhadores das fábricas de cerâmica, através do ato de lembrar, os sujeitos da pesquisa se utilizam de suas memórias para “revisitar” o passado que é reconstituído através das narrativas sobre suas experiências e suas trajetórias. É necessário ressaltar que a memória é seletiva, portanto, as lembranças narradas pelos entrevistados não constituem o passado como tal, são fragmentos expostos em uma narrativa que coloca alguns fatos em evidência enquanto silencia outros.

Para além da seletividade, o olhar para o passado com os olhos do presente ressignifica o vivido, e ainda, a transmutação da memória em narrativa não se dá sem que ocorram distorções ou perdas daquilo que é lembrado. Como defendido por Michael Pollak, “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa” (POLLAK, 1992, p. 4). Dessa articulação passado e presente, lembrado e narrado, resulta uma constante reelaboração daquilo que foi. Em síntese, a narrativa é constituída de memórias ressignificadas pelas experiências vividas entre

1 Os municípios que fazem parte da Região Baixo Jaguaribe são Alto Santo, São João do Jaguaribe, Ibicuitinga, Morada Nova, Tabuleiro do Norte, Limoeiro do Norte, Russas, Quixeré, Palhano e Jaguaruana. Segundo levantamento realizado no ano de 2012 pelo Instituto Eivaldo Lodi – IEL, CE., 147 fábricas de cerâmica funcionavam nos municípios da mesorregião Vale do Jaguaribe, o que correspondia a 35,7% do total de fábricas existentes no estado do Ceará. De acordo com diagnóstico realizado em 2008, durante a elaboração do plano de desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local - APL de cerâmica vermelha de Russas/CE, o município apresentava o maior número de cerâmicas do Estado, (cerca de 90 empresas) e detendo 78% da produção de telhas.

o tempo do fato em si e o tempo presente.

Após a transcrição das entrevistas, como defende Meiry (2010), é importante uma análise desse *corpus* documental estabelecendo diálogos com outros documentos, a exemplo dos processos trabalhistas, considerando as intenções do discurso e o lugar social de cada um dos sujeitos. Se por um lado os processos trabalhistas trazem a formalização da queixa contra o patrão e evidenciam tensões, por outro, os relatos orais ressaltam a proximidade e a negociação informal como traços marcantes dessas relações, servindo como atenuantes dessas tensões.

Devido a importância de ponderarmos sobre o lugar que a natureza ocupa nessa temática, julgamos pertinente o diálogo com contribuições da História Ambiental, ramo crescente da História que, entre outras proposições, amplia a escala temporal da análise dos fenômenos e abre-se para o diálogo com outras ciências. Nesse texto, essa perspectiva contribui para uma melhor compreensão dos fatores que propiciaram o desenvolvimento da atividade ceramista.

2 A modernização nas ribeiras do Jaguaribe

Em fins da década de 1960, a Região do Baixo Jaguaribe passou a ser tomada como *locus* estratégico para implantação do agronegócio. Nesse contexto, grandes projetos de irrigação passaram a ser instalados, ao mesmo tempo que diminuíram os investimentos na agricultura familiar, baseada no plantio de pequenas propriedades.

O Perímetro Irrigado de Morada Nova - PIMN, iniciado em 1968, “foi a primeira grande referência para o Baixo Jaguaribe da prática de uma agricultura moderna” (SOARES, 1999. p. 21). Posteriormente se seguiram a instalação do Perímetro Irrigado de Jaguaruana, iniciado em 1975, Jaguaribe-Apodi (1987) e Tabuleiros de Russas (1992),² os quais receberam grandes somas de investimento por parte dos governos federal e estadual. As alterações no trabalho com o barro, embora se tratando de outro setor produtivo, se inserem nesse contexto de modernização.

O trabalho com o barro passou por transformações profundas ao incorporar o uso do maquinário a partir da década de 1960. As antigas olarias foram dando lugar as várias fábricas de telhas e tijolos, mais conhecidas como “cerâmicas”, cuja produção em larga escala ampliou a demanda por mão de obra, influenciando o deslocamento de indivíduos ou famílias inteiras de outras cidades do Ceará ou de estados vizinhos para se inserirem no trabalho fabril.

Embora tenha registrado famílias que vieram de estados vizinhos, a grande maioria dos deslocamentos se deram dentro dos limites do Ceará, a partir de cidades localizadas fora ou que integram a macrorregião do Vale do Jaguaribe. Essa região recebe esse nome por ser cortada pelo Rio Jaguaribe e, considerando a extensão desse rio, ela está dividida em duas microrregiões: Médio e Baixo Jaguaribe³, sendo a segunda constituída pelo município de Russas, distante 180 quilômetros de Fortaleza, e mais

2 O projeto “Tabuleiros de Russas”, iniciado na década de 1990, foi o último a ser implantado e está localizado na margem oeste da BR 116, com a maior parte de sua extensão localizada na área do distrito de Flores.

3 Essa divisão segue o modelo de “Regiões de Planejamento do Estado do Ceará”, elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE. Textos para Discussão - nº 111 - Novembro de 2015.

nove municípios localizados na porção norte, mais próximos ao litoral.

Geograficamente localizada na porção leste do estado do Ceará, a macrorregião jaguaribana se tornou *locus* estratégico para projetos de irrigação devido à presença do Rio Jaguaribe, cuja localização de sua nascente foi redefinida por estudos recentes:

Todas as linhas catalogadas sempre apontaram como sendo Tauá o município de origem do Rio Jaguaribe. Essa afirmativa não se materializou, de acordo com os trabalhos realizados. Com efeito, o presente estudo indica que a nascente desse rio se encontra localizada no Morro da Lagoa Seca, na Serra das Pipocas, nos limites entre os municípios de Tauá, Pedra Branca e Independência. (CASTRO, *et. al.*, 2020, p. 967)

Nascendo no sudoeste do Ceará, e mesmo tendo suas águas desviadas para canais que abastecem projetos de agronegócio, além da região metropolitana de Fortaleza, o Rio Jaguaribe corre por áreas mais ao leste do estado até desaguar no mar entre os municípios de Fortim e Aracati. Portanto, o rio que nomeia regiões do mapa do Ceará, para além da sua importância histórica como fonte de água para as primeiras fazendas de gado que marcaram o início da ocupação no interior do estado, continua sendo um recurso natural importante nos dias atuais, sendo estratégico para os projetos desenvolvimentistas.

Do ponto de vista teórico e metodológico, o diálogo com a História Ambiental permite alargar a escala temporal e buscar o apoio de outras disciplinas para ponderar sobre a presença do Rio Jaguaribe nessa região desde tempos remotos. Desse modo, retrocedemos no tempo da longa duração, aos inumeráveis períodos invernosos, quando as chuvas abundantes provocaram enchentes subsequentes no rio. O olhar da ciência geológica permite compreender que essas enchentes, ao depositarem materiais nas margens do rio, e sobretudo nas áreas de várzeas, constituíram um solo aluvinoso, propício para a produção de cerâmica.

Esse solo teve diversos usos ao longo do tempo, no passado os artesãos produziam objetos utilitários comuns nos lares sertanejos como potes, quartinhas, entre outros. De forma manufaturada os oleiros produziam telhas e tijolos necessários para construção de suas casas, e mais recentemente, o advento da fábrica representou a modernização dessa atividade, caracterizada pela mecanização do processo de produção em larga escala. O aumento da produção para atender um mercado mais amplo também intensificou os impactos no meio natural causados por essa atividade.

O trabalho com o barro foi atingido pela mesma onda modernizadora que havia chegado à agricultura, cujos projetos de agronegócio refletiam a lógica de produção e lucro. Assim, a fábrica de cerâmica que paulatinamente substituiu as antigas olarias, o desenvolvimento de equipamentos que substituíram a mão de obra humana na produção de telhas e tijolos, as redes estabelecidas para o comércio da produção que na década de 1980 se estendia ao estado da Bahia, ou mesmo a padronização nos tamanhos, peso e modelos de telhas e tijolos segundo normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, são indicativos da modernização que chegava à produção de cerâmica.

Como demonstrado por Mendes (2012), a década de 1980 foi o período de grande expansão da atividade ceramista, quando várias fábricas foram construídas gerando o aumento da necessidade de mão de obra. Apenas no distrito de Flores, 11 (onze) fábricas foram montadas entre os anos de 1980 e 1990. Foi nessa década que houve também uma ampliação dos deslocamentos para o município de

Russas, como demonstram os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Os censos demográficos foram utilizados nesse trabalho adotando a análise de uma série de levantamentos, permitindo a identificação da curva ascendente do quantitativo populacional no período concomitante a ampliação do número de fábricas de cerâmica em Russas. O método comparativo exposto na tabela abaixo com números dos censos de 1980 e 1991, permite aferir que o crescimento populacional do município de Russas durante a década de 1980 foi diferenciado em relação aos números de cidades circunvizinhas.

Tabela 1 – (Municípios) Russas e circunvizinhos

Município	Censo 1980 ⁴	Censo 1991 ⁵
RUSSAS	35.517	46.566
QUIXERÉ	12.483	13.801
LIMOEIRO DO NORTE	32.757	41.700
MORADA NOVA	64.536	58.912

Os dados acima demonstram que num período de onze anos, os números referentes ao município de Quixeré apontam um crescimento de 10,5% na população, enquanto Limoeiro do Norte, que possui uma economia diversificada e localização estratégica, teve um aumento de 27,3%. A diminuição de 5.624 habitantes no município de Morada Nova é explicada, em parte, pelo desmembramento de um dos seus distritos, denominado Ibicuitinga, que foi elevado à categoria de município no ano de 1988. Por sua vez, o município de Russas, com crescimento de 31,2% na sua população, obteve uma taxa de crescimento populacional superior numa comparação aos municípios circunvizinhos.

Para não alongarmos essa exposição de números sobre a dinâmica populacional e sua relação com a atividade ceramista, ressaltamos que o município de Russas apresenta em sua área geográfica localidades como o distrito de Flores e a comunidade de Ingá que, ao concentrarem um número expressivo de fábricas, se constituíram como polos ceramistas no município. Nesse sentido, outras comparações poderiam ser feitas, trazendo números distritais do IBGE que também apontam um crescimento maior da população nessas áreas polos dentro do próprio município, sendo possível que tenha ocorrido uma mobilidade interna, já que alguns distritos apresentaram decréscimo populacional.

3 Os sujeitos, a proletarização e a precariedade do trabalho

Mais do que números, os censos do IBGE demonstram a mobilidade de pessoas que buscaram vagas de trabalho nas fábricas de cerâmica, indivíduos ou grupos familiares que se deslocaram e estabeleceram morada no entorno das fábricas. Mesmo se tratando de migração interna, mesmo

4 IX Recenseamento geral do Brasil – 1980, Ceará. (Dados distritais). Vol. 1, tomo 5, Nº 9. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

5 Censo demográfico – 1991. Resultado do universo relativos de características da população e dos domicílios. Nº 11. Ceará. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

que esses sujeitos não tivessem que cruzar fronteiras transnacionais para entrar em contato com outra língua, cultura e costumes distintos, esse ato de migrar é carregado de complexidade, um fato social total (SAYAD, 1998) pela amplitude das dimensões que abarca: social, cultural, política, econômica, entre outras.

A experiência da migração acarreta mudanças na realidade material, como também, nas dimensões subjetivas, simbólicas e identitárias dos migrantes. A grande maioria dos sujeitos que se deslocaram para Russas e se incorporaram ao trabalho fabril tinham a agricultura como principal ocupação no seu lugar de origem, assim, ao cruzarem fronteiras geográficas, tiveram as suas condições materiais e objetivas alteradas e, passando a integrar outro universo de trabalho e relações sociais, entraram em contato com outra lógica de trabalho e novos costumes, alterando suas subjetividades.

Nesse ponto é oportuno analisar o processo de proletarização que atingiu esses trabalhadores, ponderando a precarização do trabalho como uma das faces desse processo. Destituídos das terras onde plantavam, os sujeitos se inseriram na lógica da produção capitalista vendendo sua força de trabalho. Na condição de agricultores, estes produziam o alimento para prover o próprio sustento, enquanto nas fábricas, tanto a produção quanto a força de trabalho passaram a constituir mercadorias, situação que coloca esses trabalhadores numa condição de proletários⁶, ao mesmo tempo em que foram submetidos a uma precarização do trabalho.

Guardando as devidas especificidades e distinção do tempo e espaço, é possível fazer uma aproximação com a argumentação feita por Marx, ao se referir a processos que levaram trabalhadores a proletarização:

[...] expulsão dos camponeses das suas terras, as convertendo em campos de pastagens de ovelhas, enquanto dos camponeses expropriados e despossuídos emergiria o moderno proletariado; o confisco das terras da igreja católica e sua distribuição entre aristocratas aburguesados e novos burgueses rurais; o crescimento da dívida pública, que transferiu riquezas concentradas pelo Estado às mãos de um punhado de privilegiados; o protecionismo que garantiu à nascente burguesia industrial a exclusividade de atuação desenfreada no mercado nacional e lhe permitiu arruinar e expropriar os artesões, então obrigados ao trabalho assalariado [...] (MARX, 1987, p. 36).

Os escritos de Marx mencionam processos ocorridos durante a industrialização na Europa, que expropriaram camponeses e artesãos, empobrecendo e levando-os ao trabalho assalariado, enquanto outras situações contribuíram para a concentração de riquezas nas mãos de privilegiados. No Brasil, e mais especificamente no Nordeste, podemos nos debruçar sobre fatores específicos da nossa região para compreendermos esses processos que historicamente levaram sertanejos a deixarem o campo em busca de trabalho assalariado.

De modo geral, a crise no modelo agrícola tradicional e a busca por trabalho assalariado aparecem nas narrativas dos entrevistados como motivadores dos deslocamentos, remetendo a um

6 O termo proletário se aplica a esses trabalhadores pelo fato de estarem destituídos dos meios de produção, vendendo sua força de trabalho e sujeitos a lógica da fábrica. Nessa lógica, estavam presos ao tempo de uma jornada durante a qual exerciam funções repetitivas desvinculadas de um saber ou das experiências que possuíam. Por fim, não usufruíam do produto do trabalho nem tinham participação nos lucros obtidos com sua comercialização em uma condição oposta à do capitalista, proprietário da fábrica.

contexto que se apresenta não somente no nordeste do Brasil, mas em vários outros lugares do mundo. Me refiro a modernização da agricultura, que no caso da região do Vale do Jaguaribe, foi caracterizada pelo investimento em grandes projetos de irrigação e ausência de políticas de apoio aos pequenos produtores familiares. Houve, ainda, uma tendência de monetarização das relações econômicas na esfera rural, tornando imperativo a muitos camponeses a busca de trabalho assalariado.

Mesmo inseridos na dinâmica fabril, cujo ritmo e relações de trabalho se diferenciam do campo, alguns marcadores da cultura tradicional camponesa se apresentavam no novo contexto. Podemos citar como exemplo as relações de caráter paternalistas que se estabeleceram entre alguns operários e patrões, ou ainda, a “naturalização” do trabalho infantil nas fábricas, reproduzindo o costume do campo, quando os filhos ainda pequenos são levados para “ajudarem” na lavoura.

A presença do trabalho infantil nas fábricas de cerâmica estava relacionada aos costumes do campo, a visão do trabalho como elemento dignificante na formação do sujeito e a necessidade de mais pessoas trabalhando para assegurar o sustento de suas famílias, de modo geral, mais numerosas se compararmos com os padrões atuais. Foi o caso do Sr. Guilherme Martiniano⁷ que se mudou do município de Alto Santo, CE, para o distrito de Flores, em Russas, no final da década de 1980. O mesmo afirmou que depois de ser empregado, pediu vagas de trabalho para dois de seus filhos. O trecho da entrevista abaixo expõe o diálogo do Sr. Guilherme e seu patrão:

Eu me empreguei e quando eu pensei de empregar os dois minino.(meninos)
(Patrão) - Num posso não rapaz, a preseguição aqui é grande do governo.
Eu digo – rapaz, pelo amor de Deus, eu dar de comer a esse horror de gente com um salariozinho só. Adalcir, eu trago os dois.
Ele disse: - Guilherme, eu tenho muita pena de você, porque eu num posso lhe ajudar mais em nada, mas traga dois minino, pra nós ver aqui como é que vai ficar.

Além do Sr. Guilherme e sua esposa, os filhos, filhas e um genro integravam a família que totalizava onze pessoas, sendo necessário que mais braços trabalhassem para prover o sustento de todos(as). A princípio o patrão se mostrou relutante em ceder as vagas aos menores alegando a fiscalização dos órgãos do governo. Todavia, nesse período a fiscalização por parte do Ministério do trabalho era ineficiente, sendo comum a presença de crianças e pré-adolescentes trabalhando nas fábricas de Cerâmica, como demonstrou Audiana Sombra (2003) ao pesquisar esse tema nas comunidades de Ingá e Poço Redondo, em Russas.

Além da ocorrência de trabalho infantil, em diversas outras situações as leis eram infringidas. Nos processos trabalhistas analisados é possível concluir que a grande maioria dos vínculos de trabalho eram informais, com poucos casos de anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS, desse modo, as referências a ausência de direitos eram recorrentes nos trechos dos processos que trazem as reclamações dos trabalhadores:

“O reclamante foi admitido aos préstimos da reclamada em 29/01/2007 para exercer a função de secador de telhas, SEM ANOTAÇÃO DA CTPS sendo INJUSTAMENTE DEDITIDO em 31/05/2008, sem receber as verbas rescisórias a que fazia juz. [...] A reclamante não recebeu aviso prévio, nunca gozou nem recebeu férias 2007/2008 acrescidas

7 Usarei nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados e dos sujeitos por eles citados.

de + 1/3, não recebeu férias proporcionais 04/2 acrescidas de mais 1/3, não recebeu 13º salário de 2007, bem como não recebeu 13º proporcional 05/12 de 2008, nunca recebeu salário família 05(cinco) filhos, não recebeu pelas horas extraordinárias, não recebeu adicional noturno, não teve depositado sem seu favor nenhuma quantia referente a FGTS, não recebeu 40% do FGTS, não recebeu as guias do seguro desemprego, não foram recolhidas as contribuições do PIS e da Previdência Social, bem como não recebeu as verbas rescisórias a que fazia juz.”⁸

As análises processuais seguiram dois caminhos nessa pesquisa: um de caráter mais objetivo, voltado para o texto escrito que traz desde a identificação do processo, partes envolvidas e datações, além de documentos juntados que também informam sobre trabalhadores e patrões. No “corpo” do processo, a parte que expõe as reclamações, a exemplo do trecho citado acima, trazem diversas informações como a data de admissão e demissão do sujeito, função que desempenhava, número de filhos(as), além dos diversos direitos que lhe foram negados.

Nessa análise do escrito é importante ressaltar que os discursos de trabalhadores e patrões são mediados pelos advogados que procuram dar força aos enunciados. Além dessa interferência na construção do discurso, a linguagem jurídica utiliza termos padronizantes e carregados de impessoalidade, a exemplo de “reclamante e reclamado”. Essas denominações desumanizam os indivíduos e estabelecem posições fixas para situações que podem se inverter quando, por exemplo, o patrão apresenta um contraditório e passa a reclamar.

Seguindo outro caminho, a atenção se voltou para o não escrito, para padrões e recorrências no desenrolar das demandas que também nos informam sobre questões importantes. Nos casos analisados nessa pesquisa, dois padrões foram observados: primeiro, quase em sua totalidade os processos foram movidos por trabalhadores após serem demitidos, ou seja, após a quebra de vínculos. Podemos deduzir que os trabalhadores tinham dificuldade ou “receio” de ingressarem com um processo contra um patrão que estava diariamente na fábrica, em contato com os trabalhadores. Também ponderamos que a justiça não “chegava” ao trabalhador dentro dos muros das fábricas, uma vez que as irregularidades eram recorrentes, mas só eram trazidas a luz e reparadas quando “levadas” a justiça.

O segundo padrão diz respeito ao grande número de processos nos quais os acordos verbais encerraram a demanda. Nesses casos podemos ponderar que a mesma informalidade marcante nos vínculos de trabalho desses sujeitos também acabava prevalecendo na resolução dos conflitos, quando os patrões ofereciam uma quantia que era aceita pelo trabalhador, de modo geral, esse valor estava abaixo daquele que fora calculado e reclamado no processo.

Nesses casos não prevalecia apenas o interesse imediato do trabalhador em receber alguma quantia financeira, essa decisão podia ser motivada pelo desejo de colocar fim a uma situação conflituosa, pois, para alguns patrões, o fato de serem levados à justiça era interpretado como ofensa. Além disso, ao dificultar um acordo o trabalhador poderia contribuir para o surgimento de uma “má fama” de sua pessoa, um sujeito “queimado” que passaria a enfrentar dificuldades para ser aceito por outros empregadores.

Além da fragilidade dos vínculos de trabalho informais que não garantiam direitos aos trabalhadores, esses também estavam sujeitos a situações objetivas de exploração como horas extras

8 Justiça do Trabalho. 7ª Vara do Trabalho de Limoeiro do Norte, processo Nº 1363/08 – 2008.

não pagas e exposição a jornadas de trabalho extenuantes, em ambientes insalubres que traziam riscos à saúde, como podemos inferir na narrativa do Sr. Elimar Sousa sobre sua função de forneiro:

Era três dias com três noites, só no fogo. Três dia e três noite. Começava o esquite bem devagarinho só pra ir esquentando mesmo, aí depois ia aumentando o fogo, ampliando o fogo pra frente, na parte da boca lá até chegar a hora de caldear. Começava com esse esquite porque se entrasse com muito fogo aí rachava o tijolo. (Sr. ELIMAR, 2022)

Tendo trabalhado por mais de trinta anos nas fábricas de cerâmica, na maior parte desse tempo, por quase vinte anos, o Sr. Elimar se dedicou a função de forneiro. Hoje aposentado, reclama de problemas na visão que segundo o mesmo teriam origem na exposição as altas temperaturas, sobretudo quando precisava olhar por uma pequena abertura para a parte interna da fornalha para observar a situação de queima das peças de cerâmica. Sua narrativa é esclarecedora sobre o saber que possuía e utilizava para obter a boa queima das peças, além de informar sobre uma jornada de trabalho diferenciada que se prolongava sem intervalos suficientes para o descanso.

A situação vivenciada pelos forneiros foi também narrada pelo Sr. Vicente que migrou para o distrito de Flores, vindo da cidade de Alto Santo, CE no final da década de 1980, juntamente com seu pai, três irmãos e uma irmã:

Aí era puxado. Era de dia e de noite[...] quando nós terminava de botar a lenha dentro do forno, já começava a arrumar pra quando chegasse naquela hora, a lenha já tava arrumada pra rebolar de novo, e era desse jeito né? A gente num tinha quase sossego não. No correr do dia não, no correr do dia era até mais ou menos, mas o mais ruim é de noite, o cabra tá num sono tão bom, aí tem que levantar num sabe? Ou que teje chovendo ou que num teje né? [...]uma redinha pro mode a gente descansar o espinhaço, sendo uma lenha ruim a gente descansa pouco tempo né? Sendo uma lenhazinha melhor, dava pra gente tomar um cochilozinho, mas era no sentido todo o tempo nera?[...] a gente botava uma botada, vinha em casa, tomava um café, aí já voltava de novo, ia ajeitar a lenha né? Esperar que abaixasse um pouquinho pra poder botar de novo, era desse jeito o rojão. (Sr. VICENTE, 2022)

A narrativa do Sr. Vicente acrescenta uma informação importante: durante a queima dos fornos os trabalhadores acabavam restritos ao ambiente da fábrica e privados do contato prolongado com a família. Essa situação de privação do direito de ir e vir, além das condições insalubres do ambiente onde labutavam, indicam a ocorrência de trabalho semiescravo, e embora algumas mudanças tenham sido implementadas nas fábricas ao longo do tempo, ou mesmo com atuação mais frequente dos órgãos fiscalizadores do governo, estes ainda flagram tais situações, como ocorreu no final do ano de 2021 em cerâmicas de Russas.⁹

Outra questão que deve ser evidenciada diz respeito as estruturas precárias das primeiras fábricas construídas e aos problemas que isso acarretava aos trabalhadores. De acordo com Mendes (2012), essas fábricas eram constituídas de galpões com colunas que sustentavam a cobertura, nesses

9 Em outubro de 2021, como foi noticiado pelo Jornal “o Povo”, a fiscalização do Ministério do Trabalho e Previdência - MTE, flagrou, em fábricas de cerâmica localizadas em municípios da região, além de situações de trabalho infantil, trabalhador em “condições de escravidão”. Ver: Trabalho escravo e infantil é flagrado em Russas, Limoeiro do Norte e Quixeré. Jornal o Povo. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2021/10/21/trabalho-escravo-e-infantil-sao-flagrados-em-russas-limoeiro-do-norte-e-quixere.html>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

espaços ficava o maquinário e as peças de cerâmica recém produzidas. O piso desses galpões era de barro batido, sem alvenaria, o que acarretava poeira inalada pelo trabalhador ou risco de queda na lama que surgia quando o telhado apresentava vazamentos nos períodos chuvosos ou o vento fazia a água entrar pelas laterais abertas dessas estruturas.

As máquinas que trituravam ou prensavam o barro também podiam representar riscos durante a alimentação com barro que era feita por trabalhadores, ou ainda, quando eram acessadas com ferramentas para desobstruir ou retirar excesso de material durante seu funcionamento. Havia também polias com correias que giravam sem proteção, expostas no ambiente de produção. A somatória dessas situações explica os diversos acidentes ocorridos nesse período, muitos deles resultando em amputação de membros dos trabalhadores como exposto na foto abaixo:

Foto 1 – Mão de ex-operário com amputação do dedo mínimo devido a acidente ocorrido na fábrica onde trabalhava em Russas no ano de 1985.



Fonte: Arquivo pessoal. Francisco Mendes.

Ao expor as informações narradas por esse trabalhador sobre o acidente sofrido, Mendes (2012) afirmou que a amputação se deveu a prensagem da mão em uma polia e que após o acidente o então funcionário da fábrica:

recebeu tratamento médico, uma quantia paga pelo patrão a título de indenização, que segundo o operário, correspondia aproximadamente ao tempo que o mesmo ficou impossibilitado de trabalhar. Como que para amenizar a situação, o trabalhador ainda recebeu do patrão uma bicicleta nova. (MENDES, 2012, p. 82)

Notamos que a precariedade das condições materiais de trabalho se estendia ao âmbito das relações de trabalho não amparadas pelas leis trabalhistas. A informalidade abria brechas para os patrões que faziam arranjos diante de situações graves como o acidente que levou a amputação do dedo do trabalhador. Ao “presentear” o operário com uma bicicleta nova, o empregador estava se esquivando do pagamento de uma indenização, ao mesmo tempo em que reforçava o caráter paternal da relação patrão/funcionário.

Outras situações narradas por ex-trabalhadores envolviam baixa remuneração, não pagamento de horas extras trabalhadas, e ainda, a prática adotada por patrões de distribuírem vales que poderiam ser trocados por mercadorias no comércio que também pertencia ao patrão. Esses vales eram feitos com recortes de cartolina nos quais eram carimbados os valores e assinados pelo patrão, assim, como uma moeda paralela à oficial, os donos das fábricas restringiam as opções de compra e monopolizavam a circulação do dinheiro do trabalhador.

Mesmo submetidos a exploração e a precariedade, mesmo partilhando experiências comuns, não há registros do surgimento e atuação de associações ou sindicatos formados pelos trabalhadores das cerâmicas. Também não foi possível anotar mobilizações coletivas como paralizações, greves ou grupos organizados para negociar com os patrões. Assim, passamos a buscar as resistências silenciosas, estratégias que os trabalhadores utilizavam no cotidiano da fábrica.

Na análise dos processos trabalhistas se faz necessário levar em consideração o conflito de interesses, tensões e tentativas de desqualificação do outro revelados nos escritos, além da mediação do discurso por advogados. Mesmo assim, o trecho de uma alegação feita por um patrão nos fornece pistas dessas resistências silenciosas dos trabalhadores:

Excelência, o reclamante era um funcionário demasiadamente complicado, sempre arranjava confusões, chegava ao trabalho mal humorado e propositadamente laborava de forma muito lenta, se recusava a cumprir suas tarefas, reduzindo sobremaneira a produção da cerâmica, ou seja, era um funcionário que não tinha zelo pelo seu trabalho.¹⁰

Entre as diversas (des)qualificações atribuídas pelo patrão, ao citar que o trabalhador “laborava de forma muito lenta” o empregador concentra a atenção no fato de que o comportamento do operário levava a redução da produção. Ao acrescentar que o funcionário “não tinha zelo pelo trabalho”, o empregador reclama a quebra de um modelo imaginado que era o da fábrica moderna, cujo funcionamento se baseava na disciplina, obediência, e disposição do trabalhador para seguir o ritmo da máquina.

No entanto, ancorado nas proposições de Certeau (1980), a lentidão pode ser enxergada como uma astúcia do trabalhador, uma resposta à lógica patronal e ao modelo do trabalho industrial, é “aspiração a outro ritmo, pode também se tornar uma esperteza e, em algumas circunstâncias, um poderoso meio de resistência” (VIDAL, 2018, p. 44). Outros entrevistados também narraram sobre a lentidão no desempenho de tarefas, estratégia dos “homens lentos” (SANTOS, 1994, p. 80), que

10 Justiça do Trabalho. Tribunal Regional do Trabalho, 7ª Região. Única vara do trabalho, Limoeiro do Norte, CE. Processo Trabalhista nº 0341/2010. Instaurado em 09/03/2010.

amenizava esforços e subvertia a lógica da produtividade.

Longe de refletir uma dominação essa postura de “apatia” era uma estratégia que se somava a tantas outras. Por exemplo, a combinação entre trabalhadores para faltarem ao trabalho, impossibilitando o funcionamento do maquinário e a produção, ou a “vista grossa” feita por trabalhadores que deixavam passar pedaços de madeira, raízes ou objetos metálicos misturados ao barro, tais objetos ficavam presos na saída da máquina, implicando em defeitos nas peças produzidas, situação que forçava uma parada para extração desse objeto, momento no qual os trabalhadores tomavam água, sentavam por um instante e conversavam. Todas essas situações criadas pelos operários eram, ao final, resistência silenciosa à fábrica moderna.

Por fim, ao tratar de outra atividade econômica presente na Região do Baixo Jaguaribe, a saber, a produção de queijos, Ivaneide Ulisses (2023) faz ponderações sobre processos ocorridos em uma escala nacional na qual se inserem as mudanças em nível local:

O Brasil, no século XX, foi cenário de mudanças em sua estrutura social e econômica, no que se convencionou chamar de “globalização” baseada em um modelo em que a “Cidade” é o alvo dos imaginários e também das ações do Estado. “Cidade” (sociedade) em que as migrações, em boa medida, representam transferência da população pobre do campo. Esse processo de globalização se acelerou nas décadas de 1970 e 1980 e firmou-se na contemporaneidade. (ULISSES, 2023, p. 104)

A relação do local com o cenário nacional auxilia na compreensão das mudanças na Região Baixo Jaguaribe como resultado de forças transnacionais que influenciavam, além do imaginário, as políticas de governo que objetivavam a modernização de vários setores econômicos no final do século passado no estado do Ceará. Essa economia é pautada na lógica de mercado, na busca da produtividade e do lucro, na padronização das mercadorias e de costumes voltados para o consumo. Contudo, tal modelo que busca ser hegemônico não deixa de ser confrontado ou subvertido pelas culturas locais.

Considerações finais

As mudanças no modo de produção decorrentes da incorporação de tecnologias são uma característica do mundo do trabalho, em uma escala global, essas mudanças ocorrem em períodos distintos e com diferentes graus de intensidade. Como foi exposto, no caso da produção de cerâmica na Região Baixo Jaguaribe, o advento das fábricas se deu na década de 1960, a partir daí houve a quase extinção do trabalho manufaturado nas antigas olarias, um processo retardatário se considerarmos que o crescimento da industrialização no Brasil se deu desde o início do século XX.

A ampliação do número de fábricas de cerâmica e aumento da demanda por mão de obra gerou um fluxo de indivíduos ou famílias em direção à Região do Baixo Jaguaribe em busca de vagas nessas fábricas. As motivações que levavam os sujeitos a migrarem estavam relacionadas ao desejo de melhorias nas condições de vida, porém, as condições materiais de trabalho que encontraram eram precárias ao ponto de trazerem riscos à saúde do trabalhador, como também eram frágeis os vínculos e a garantia de direitos, uma vez que eram raros os casos de trabalhadores que tinham as anotações em suas

carteiras.

As diversas formas de exploração, jornadas exaustivas, não pagamento de horas extras aparecem nas narrativas de ex-trabalhadores, dando uma dimensão do cotidiano de trabalho pautado em uma lógica moderna que confrontava os costumes de sujeitos, em sua maioria oriundos do trabalho agrícola. Desse modo, se por um lado não há registro do surgimento e atuação de associações ou sindicatos fomentando greves ou paralizações, os trabalhadores esboçavam resistências silenciosas, estratégias ou astúcias que amenizavam as agruras do cotidiano.

Referências

CASTRO, A.; COSTA, A.; NETO, J.; MORAIS, J.; SALES, V. Expedição científica ao alto curso do Rio Jaguaribe (Ceará): identificação da nascente do possível maior rio temporário do mundo. **Caderno de Geografia**, v 30, n63, 2020. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/geografia/article/view>> Acesso em: 14 ago. de 2023.

MARX, K. **O capital**, livro I. Tomo I. São Paulo: Abril cultural, 1967 e 1987.

MENDES, Francisco de Assis. O Barro de cada dia: **oleiros e operários da atividade ceramista no distrito de Flores, CE. (1981 – 1990)**. Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de mestre em História. UECE, 2012.

MEIRY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar** / José Carlos Sebe Bom Meiry, Fabíola Holanda. 2 ed. – São Paulo; Contexto, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Milton. “Metrópole. A força dos fracos é seu tempo lento”. In: SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo, Editora Hucitec, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade** / Abdelmalek Sayad; prefácio Pierre Bourdieu; trad. Cristina Marachco. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e reorganização do espaço: A rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte. CE**. Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Geografia da UFPE. Recife. 1999.

SOMBRA, Audiana da Silva F. **A exploração do Trabalho infantil em Russas nas cerâmicas nas comunidades de Ingá e Poço Redondo**. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História. Limoeiro do Norte. FAFIDAM - UECE. 2003

ULISSES, Ivaneide Barbosa. **EMBRAPA, INPI e Queijaribe: formação e diretrizes para a produção e comercialização do queijo coalho de Jaguaribe**. CENTÚRIAS – Revista Eletrônica de História, Limoeiro do Norte –CE, v.1, n.2, p. 100-119, jan./mar. 2023. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/centurias>>. Acesso em: 14 ago. de 2023

VIDAL, Laurent. O tempo encantado ou as astúcias dos homens lentos – Um “hipócrita” diálogo com Michel de Certeau. In: **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 61 n. 2: 40-54 | USP, 2018. Disponível

em:< <https://www.revistas.usp.br/ra/article.>>. Acesso em: 7 ago. de 2023

Sobre o autor

Francisco de Assis Mendes – Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Pesquisa com financiamento próprio. A versão inicial desse texto foi apresentada no 32º Seminário Nacional de História – ANPUH Nacional: Democracia e Direitos Humanos: Desafios para uma História profissional, evento que aconteceu presencialmente em julho de 2023 em São Luís, MA. Email para contato: profmsmendes70@gmail.com.

Como citar

MENDES, F. de. A. Trabalhadores do barro: condição operária, precariedade e astúcias dos “Peões De Cerâmica” na região Baixo Jaguaribe, CE (1964-2010). CENTÚRIAS - Revista Eletrônica de História, Limoeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/centurias/article/view/11403>. Acesso em: 08 dez. 2023.